

**“O palito divide, separa, afasta, mordisca, em vez de cortar e agarrar, como nossos talheres; ele nunca violenta o alimento: desembaraça-o pouco a pouco (no caso das ervas), ou então o desfaz (no caso dos peixes, das enguias), reencontrando assim as fissuras da matéria (nisso mais próximo do dedo primitivo do que da faca). Enfim, e esta é talvez sua mais bela função, o palito duplo *translada* o alimento, quer quando, cruzando como duas mãos, suporte e não mais pinça, ele se insinua sob o floco de arroz e o estende, o eleva até a boca do comensal, quer quando (por um gesto milenar de todo o Oriente) ele faz deslizar a neve alimentar da tigela aos lábios, como uma pazinha. Em todos esses usos, em todos esses gestos que implica, o palito se opõe à nossa faca (e a seu substituto predatório, o garfo): ele é o instrumento alimentar que se recusa a cortar, a aferrar, a mutilar, a furar (gestos muito limitados, recuados na preparação da cozinha: o peixeiro que esfolia, sob nossos olhos, a enguia viva, exorciza de uma vez por todas, num sacrifício preliminar, o assassinato do alimento); pelo palito, o alimento não é mais uma presa que se violenta (carnes sobre as quais nos afincamos), mas uma substância harmoniosamente transferida; ele transforma a matéria previamente dividida em alimento de pássaro, e o arroz em jorro de leite; maternal, ele conduz incansavelmente o gesto da bicada, deixando a nossos hábitos alimentares, armados de lança e facas, o da predação”.**

**(Roland Barthes. *O império dos signos*. Apud Leyla Perrone-Moisés. *Roland Barthes: o saber com sabor*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 56-57)**